



RESUMO DE AULA · JORNADA DA LEITURA

Processos comportamentais

CAPÍTULO 11

*O encontro que fecha o ciclo devolvendo a TBP à sua base:
análise funcional. Topografia não é função, reforço não é
prazer, e todo processo clínico é uma leitura interveniente de
princípios comportamentais já estabelecidos.*

PROFESSOR E PSICÓLOGO CLÍNICO

Júlio Gonçalves

MSc · CRP 12/17614

Aprenda muito mais na

Comunidade Lógica Psicológica

Uma comunidade para quem quer:

- Ψ **Aprofundar o raciocínio clínico** com conteúdos que unem ciência, processos e análise funcional.
- Ψ **Estruturar uma prática ética e coerente**, com pensamento crítico e evidências atualizadas.
- Ψ **Desenvolver o self clínico** por meio de supervisão, leituras guiadas e construção em rede.

Clique aqui e saiba mais



O ESSENCIAL

- Ψ **Topografia é a forma; função é a relação com o ambiente.** O mesmo comportamento pode ter funções opostas — e a forma, sozinha, não diz nada.
- Ψ **Reforço aumenta frequência; punição diminui.** Sem juízo de valor embutido. Chamar de “prazeroso” ou “apetitivo” é trocar a definição funcional por uma suposição mentalista.
- Ψ **Esquiva evita o contato; fuga encerra o contato já iniciado.** As duas são reforçadas negativamente — e as duas custam repertório.
- Ψ **Esquema contínuo instala; esquema variável mantém.** Por isso a alta é planejada, e não apenas concedida.
- Ψ **Os processos da TBP são leituras intervenientes de princípios comportamentais.** Flexibilidade psicológica, valores e evitação experiencial têm tradução funcional — e ganham precisão nela.

O encontro que devolve a TBP à sua base

Este é o décimo primeiro e último encontro do ciclo. Vieram antes as bases teóricas da TBP, o metamodelo evolucionário estendido, e os domínios de atenção, cognição, *self*, afeto e motivação. Fecha-se com o domínio comportamental — e com uma amarração que estava implícita desde o começo: embora a TBP trate de eventos privados, **sua estrutura central se apoia na análise do comportamento.**

SOBRE A LINGUAGEM MENTALISTA

A apresentação partiu de uma formação em behaviorismo radical e discutiu abertamente a transição para uma linguagem mentalista dentro da TBP — entendida como forma de **congregar raciocínios e pesquisas diferentes sob uma base epistemológica comum.** É uma escolha deliberada, não um descuido conceitual: o preço da integração é alguma imprecisão de vocabulário, e vale saber que se está pagando esse preço.

Topografia e função — e classe de respostas

- Ψ **Topografia** — a **forma** do comportamento. O que se vê.
- Ψ **Função** — a **relação** entre a ação e o ambiente. Para que serve, o que a mantém.

O exemplo trabalhado foi o consumo de álcool. Mesma topografia, funções distintas: pode ser **reforçamento negativo**, se serve para evitar estressores; pode ser **reforçamento positivo**, em

contexto social. A conduta clínica muda inteiramente conforme a resposta — e a forma do comportamento não a entrega.

Classe de respostas é o agrupamento de comportamentos **topograficamente distintos que compartilham a mesma função**. A esquiva social pode aparecer como recusar convites, faltar às aulas ou mexer no celular no meio do grupo: três formas, uma função. É por isso que uma lista de comportamentos não organiza um caso, mas uma lista de *classes* organiza.

Respondente: eliciação, condicionamento, habituação

O comportamento respondente opera em nível filogenético: é eliciado, não emitido. O exemplo foi o ciclo circadiano — a luz estimula a glândula pineal, a liberação de melatonina é modulada, e a sonolência aparece como resposta biológica, não aprendida.

Estímulos neutros adquirem função pelo **emparelhamento** com estímulos incondicionados. O uniforme de trabalho e o trajeto diário passam a eliciar respostas autonômicas de ativação antes mesmo da chegada ao local — o organismo se prepara. Visto assim, é adaptação; vira problema quando a ativação não encontra desligamento.

Ψ **Habituação** — o efeito de um estímulo **diminui com a repetição**. O exemplo clínico foi o uso continuado de benzodiazepínicos.

Ψ **Sensibilização** — o **limiar de resposta diminui**, e o organismo passa a reagir mais facilmente.

No transtorno bipolar, a privação de sono aumenta a sensibilidade a episódios (Harvey, 2008) — e é um bom lembrete de que o nível biofisiológico não é pano de fundo: ele **altera a função dos estímulos**.

Operante: reforço, punição e extinção

No condicionamento operante, o comportamento **opera sobre o ambiente**, e suas consequências alteram a probabilidade futura daquele comportamento.

DUAS PALAVRAS QUE NÃO SÃO OPINIÃO

Reforço significa aumento de frequência. **Punição** significa diminuição. Ponto — independentemente de juízos de valor subjetivos. Descrever uma consequência como “apetitiva” ou “prazerosa” troca a definição funcional por uma suposição sobre o que se passa dentro da pessoa.

Extinção é a **interrupção do reforçamento**. E tem uma característica que confunde quem não a conhece: antes de diminuir, a taxa de respostas **aumenta** — o *extinction burst*. A imagem usada foi o controle remoto sem pilha: a pessoa aperta com mais força, mais vezes, antes de desistir.

Clinicamente, isso significa que a piora inicial após retirar um reforçador pode ser sinal de que o procedimento está funcionando — e não de que falhou. Quem não sabe disso recua exatamente no pior momento.

Esquemas de reforçamento e manutenção

Cinco esquemas, com exemplos de dentro da própria relação terapêutica: **contínuo** (cada resposta reforçada); **razão fixa** (o *feedback* do terapeuta depois de sete registros de monitoramento de humor); **razão variável**; **intervalo fixo**; e **intervalo variável** (a imprevisibilidade das respostas a mensagens entre sessões).

A regra prática que sai daí: **esquemas variáveis sustentam o comportamento por muito mais tempo** (Ferster & Skinner, 1957). É o que explica a criança que insiste no doce no mercado, e boa parte da persistência em relações interpessoais intermitentes.

COMO USAR ISSO NA CLÍNICA

Para **instalar** um comportamento novo, reforço contínuo. Para **manter** a longo prazo, transição para esquemas variáveis e controle por regras. É um argumento técnico para o desmame planejado do acompanhamento — a alta bem feita é uma mudança de esquema, não uma interrupção.

Antecedentes: discriminativos e operações motivadoras

O **estímulo discriminativo** sinaliza que o reforço **está disponível**; o **estímulo delta**, que **não está**. O exemplo: a esposa dormindo ou acordada como estímulo que muda a probabilidade de o paciente dormir sem medicação.

A **generalização** é o que se quer da terapia: a assertividade desenvolvida em sessão se estende a outros contextos. A **discriminação** é saber *quando* um comportamento é funcional — como no exemplo de uma comunicação agressiva reforçada num relacionamento anterior e punida no atual. Gritar pode ser adaptativo num hospital e desastroso em casa: a topografia não é boa nem ruim.

Operações motivadoras são **variáveis ambientais que determinam se uma consequência funcionará como reforçadora** (Michael, 1993; Laraway et al., 2003). Não confundir com discriminativos: o discriminativo sinaliza *disponibilidade*; a operação motivadora altera o *valor* reforçador. As **transitivas** tornam um estímulo relevante para acessar um reforçador; as **reflexivas** estabelecem funções condicionais para o reforçamento negativo.

E vem com um conselho de sobriedade: **na prática clínica, o que importa é a lógica da análise funcional, não a memorização dos termos**. Pergunte em que condições o comportamento ocorre e que efeitos produz; o que o mantém e o que o diminui.

Esquiva e fuga, e o caso Lucas

Esquiva é evitar o contato com o estímulo antes que ele ocorra; **fuga** é afastar-se **depois** do contato. Ambas são reforçadas negativamente. E o mesmo estímulo pode **punir um comportamento e reforçar outro** — reduzir a chance de aceitar convites e, ao mesmo tempo, reforçar o sair mais cedo do evento.

Lucas (caso apresentado em aula, desidentificado), desenvolvedor de software de 28 anos, com hipótese de transtorno depressivo persistente e uso problemático de álcool. A história importa: na infância, **pedir ajuda era punido com críticas**, enquanto **a autossuficiência era reforçada**. O resultado é um repertório limitado na vida adulta — não por falta de capacidade, mas porque a alternativa nunca foi selecionada (Ferster, 1973).

Hoje isso aparece como generalização do medo de crítica para o ambiente profissional, esquiva do *feedback* do gestor e ausência de repertório assertivo, o que mantém o isolamento e a sobrecarga. Operacionalizando a esquiva social: respostas monossilábicas, desvio de contato visual, preferência por trabalho remoto. Quanto ao álcool no fim de semana, a leitura foi hipotética e assumida como tal — pode atenuar desconforto ou ruminação, funcionando como reforçamento negativo, mas **a função precisa exigir investigação continuada**.

CURTO PRAZO MANTÉM, LONGO PRAZO ENFRAQUECE

As consequências de curto prazo — evitar a crítica — **mantêm** o padrão de esquiva. As de longo prazo — privação de suporte interpessoal, isolamento — **enfraquecem** o padrão e produzem sofrimento. E a falta de relações sociais é, em si mesma, um fator de privação: uma operação motivadora ativa no caso.

Se o repertório é estreito, o alvo é **variabilidade comportamental** — por questionamento socrático, experimentos comportamentais, modelagem e modelação. É assim que novas respostas entram no repertório, para só então poderem ser selecionadas.

Análise molar, e a tradução dos termos

Para a clínica, a proposta é uma **análise molar**: focar em classes de respostas selecionadas ao longo do tempo, em vez de episódios isolados (Baum, 2002). O modelo de seleção por consequências é análogo à seleção natural, com **variação, seleção e retenção** do repertório (Skinner, 1981) — exatamente os três eixos que a jornada usou desde o metamodelo.

Daí a síntese que encerrou o ciclo: **os processos clínicos da TBP são leituras intervenientes de princípios comportamentais já estabelecidos**. Flexibilidade psicológica, valores e evitação experiencial têm tradução funcional — e o objetivo terapêutico permanece reorganizar contingências de reforçamento e entender os fatores motivacionais e antecedentes.

NOMOTÉTICO E IDIOGRÁFICO, DE NOVO

Na discussão sobre transtorno bipolar, o ponto foi a necessidade de **integrar os dois modelos**: o nomotético não é dispensável em quadros com base biológica marcada, e o idiográfico é o que permite entender aquele paciente. É o mesmo argumento do encontro sobre mensuração, chegando por outro caminho.

Referências

1. Baum, W. M. (2002). From molecular to molar: A paradigm shift in behavior analysis. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 78(1), 95–116.
2. Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição* (4ª ed.). Artmed.
3. Ferster, C. B. (1973). A functional analysis of depression. *American Psychologist*, 28(10), 857–870.
4. Ferster, C. B., & Skinner, B. F. (1957). *Schedules of reinforcement*. Appleton-Century-Crofts.
5. Harvey, A. G. (2008). Sleep and circadian rhythms in bipolar disorder. *American Journal of Psychiatry*, 165(7), 820–829.
6. Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (Orgs.). (2001). *Relational frame theory*. Kluwer Academic.
7. Hayes, S. C., Hofmann, S. G., & Ciarrochi, J. (2020). A process-based approach to psychological diagnosis and treatment. *Clinical Psychology Review*, 82, 101908.
8. Hayes, S. C., Wilson, K. G., Gifford, E. V., Follette, V. M., & Strosahl, K. (1996). Experiential avoidance and behavioral disorders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(6), 1152–1168.
9. Laraway, S., Snyckerski, S., Michael, J., & Poling, A. (2003). Motivating operations and terms to describe them. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(3), 407–414.
10. Martell, C. R., Dimidjian, S., & Herman-Dunn, R. (2010). *Behavioral activation for depression*. Guilford Press.
11. Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37(1), 149–155.
12. Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 16(2), 191–206.
13. Rescorla, R. A. (1988). Pavlovian conditioning: It's not what you think it is. *American Psychologist*, 43(3), 151–160.
14. Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. Macmillan.
15. Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501–504.

NOTA DE MÉTODO

Os casos citados em aula estão desidentificados. A conversa de abertura e os encaminhamentos operacionais do encontro — logística de evento, votação de temas futuros, agendamento de supervisões — foram omitidos por não integrarem o conteúdo, assim como as intervenções nominais de participantes. Dois pontos merecem conferência. Primeiro: no exemplo de análise funcional em episódio misto, a transcrição rotula a compra de substância como “punição negativa”, classificação que não se sustenta como transcrita; manteve o princípio geral — um mesmo contexto de desconforto pode gerar comportamentos distintos com consequências funcionais diferentes — sem reproduzir a rotulação ambígua. Segundo: a transcrição atribui à TBP a “filosofia analítica” como base epistemológica comum; a filosofia habitualmente invocada como base da ciência comportamental contextual e da TBP é o **contextualismo funcional**, e o texto foi redigido de forma neutra até que se confirme o que foi dito em aula. As referências de análise do comportamento, esquemas, operações motivadoras, análise molar e ritmo circadiano no transtorno bipolar foram acrescentadas para dar respaldo formal a afirmações feitas sem citação explícita. Nenhuma citação foi construída para preencher lacuna.

Levar para a prática

Marque conforme experimentar em sessão — e salve o PDF para acompanhar.

Descrevi a função do comportamento, e não só a sua forma.

Agrupei comportamentos diferentes em classes de resposta pela função comum.

Usei “reforço” e “punição” pelo efeito na frequência — sem embutir juízo de valor.

Avisei o paciente (e a mim) sobre o pico de respostas no início da extinção.

Planejei o esquema: contínuo para instalar, variável para manter.

Distingui esquiva de fuga no caso, e mapeei o que cada uma evita.

Separei as consequências de curto prazo (que mantêm) das de longo prazo (que enfraquecem).

Antes de esperar mudança, verifiquei se existe repertório alternativo — ou se preciso gerar variabilidade primeiro.

MINHAS ANOTAÇÕES — O QUE LEVO PARA A CLÍNICA

Para revisar — resposta

Responda com suas palavras. O PDF guarda o que você escrever.

1. Dê um exemplo, de um caso seu, de mesma topografia com funções opostas.

2. Monte uma classe de respostas de um paciente seu: três comportamentos distintos com a mesma função.

3. Por que descrever uma consequência como “prazerosa” enfraquece a análise?

4. O que é o pico de extinção, e por que conhecê-lo muda a conduta do terapeuta?

5. Diferencie estímulo discriminativo de operação motivadora com um exemplo clínico.

6. Analise o caso Lucas: que história selecionou o repertório atual, e o que o mantém hoje?

7. Traduza para termos funcionais um conceito da TBP que você usa com frequência.

Gabarito

Comentários para conferência — responda antes de consultar. Nas perguntas de aplicação pessoal não há resposta certa; o que se oferece são critérios para avaliar a própria resposta.

1. Dê um exemplo, de um caso seu, de mesma topografia com funções opostas.

CRITÉRIOS

Não há resposta certa. Uma boa resposta mantém a **forma constante** e mostra funções opostas — o exemplo da aula é o consumo de álcool, que pode ser reforçamento negativo (evitar estressores) ou positivo (contexto social). O que valida a resposta é explicitar como a conduta clínica muda conforme a função, e não apenas afirmar que ela muda.

2. Monte uma classe de respostas de um paciente seu: três comportamentos distintos com a mesma função.

CRITÉRIOS

Não há resposta certa. Uma boa resposta apresenta três comportamentos **topograficamente distintos** que compartilham a mesma função — como recusar convites, faltar e usar o celular no meio do grupo, todos evitando o ambiente social. O erro comum é listar variações da mesma forma; se os três se parecem, provavelmente ainda não é uma classe.

3. Por que descrever uma consequência como “prazerosa” enfraquece a análise?

COMENTÁRIO

Porque troca a **definição funcional** por uma suposição sobre o que se passa dentro da pessoa. Reforço significa aumento de frequência e punição significa diminuição — independentemente de juízo de valor ou de relato subjetivo. Chamar uma consequência de prazerosa é afirmar algo que não foi medido, e abre a porta para explicar comportamento por estado interno inferido.

4. O que é o pico de extinção, e por que conhecê-lo muda a conduta do terapeuta?

COMENTÁRIO

É o aumento da taxa de respostas que ocorre **antes** da queda, quando o reforçamento é interrompido — a imagem usada foi o controle remoto sem pilha. Conhecê-lo muda a conduta porque a piora inicial após retirar um reforçador pode ser sinal de que o procedimento está funcionando; quem não sabe disso recua exatamente no pior momento.

5. Diferencie estímulo discriminativo de operação motivadora com um exemplo clínico.

COMENTÁRIO

O **estímulo discriminativo** sinaliza que o reforço está disponível — informa sobre disponibilidade. A **operação motivadora** altera o *valor* reforçador de uma consequência — informa sobre eficácia. No caso discutido, a falta de relações sociais funciona como operação motivadora, porque aumenta o valor do contato; já a presença de alguém em casa opera como discriminativo para determinado comportamento.

6. Analise o caso Lucas: que história selecionou o repertório atual, e o que o mantém hoje?**COMENTÁRIO**

A história selecionou o repertório: **pedir ajuda era punido com críticas** e a autossuficiência era reforçada, de modo que a alternativa nunca foi selecionada — não é falta de capacidade. Hoje o padrão é mantido pelas consequências de **curto prazo**: a esquiva do feedback evita a crítica. As de longo prazo — isolamento, privação de suporte, sobrecarga — enfraquecem o padrão e produzem o sofrimento que o traz à terapia.

7. Traduza para termos funcionais um conceito da TBP que você usa com frequência.**CRITÉRIOS**

Não há resposta certa. Uma boa resposta escolhe um conceito e o descreve por **contingências**, não por estado interno: evitação experiencial como classe de respostas mantida por reforçamento negativo; valores como regras que alteram o valor reforçador de consequências distantes; flexibilidade psicológica como sensibilidade do repertório ao contexto. O teste é se a tradução permite prever e intervir.